O IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE O POVO INDÍGENA MISAK (COLÔMBIA) NO CIBERESPAÇO, COMO EXTENSÃO DE SEU TERRITÓRIO E SABERES[1]

The social imaginary about the Misak indigenous from Colombia in cyberspace, as an extension of their territory and knowledge

PISSO, Concha Jennifer Paola
Universidade Federal de Mato Grosso

SIQUEIRA, Nunes Aline Wendpap
Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO: O artigo apresenta o imaginário social construído sobre o povo Misak a partir dos diversos conteúdos *hipermedia* que existem no ciberespaço, além de analisar quais são as formas de representação como os significados contidos nessas produções digitais. Isto é, uma aproximação das comunidades indígenas na cibercultura. A pesquisa é netnográfica e a construção teórico-metodológica fundamenta-se na semiótica da cultura. Desse modo, o imaginário social sobre o indígena é tecido em quatro espirais (elementos) fundamentais para o entendimento da extensão de seu território e saberes Misak. Finalmente, se espera estimular outros pesquisadores a seguir trilhando caminhos que permitam compreender nossa sociedade, imersa em processos de mudanças que cruzam território físico e o ciberespaço.

Palavras-chave: Imaginários sociais; Conteúdos *hipermedia*; Indígena Misak.

Abstract: The article focuses on the construction of the social imaginary about the Misak indigenous people, based on the different hypermedia contents in cyberspace. Also, it analyzes what are the forms of representation and the meanings immersed in digital productions. The methodology is netnographic in the light of the semiotics of culture. Therefore, the social imaginary about the indigenous is woven into four spirals (elements) fundamental to understanding the extent of their territory and misak knowledge. In addition, this study encourages more research to understand our society in processes of change that influence physical space and cyberspace.

Keywords: Social imaginary; Hypermedia contents; Misak indigenous. Cyberculture.

[1] O artigo foi aprovado pelo Comitê Científico do 27º Seminário de Educação - Semiedu 2019: Debates sobre educação, pesquisa e inovação. A comunicação oral se apresentou na Universidade Federal de Mato Grosso, no campus Cuiabá – MT, no dia 23 de setembro de 2019. Veja: PISSO CONCHA, J.P. e SIQUEIRA, A. Povo indígena Misak (Colômbia): o ciberespaço como extensão de seu imaginário, território e saberes. In: SemiEdu 2019 Debates sobre educação, pesquisa e inovação, 2019, Cuiabá, Brasil. Eventos Acadêmicos UFMT, 2019 p. 1293-1302. Disponível em: <https://www.ufmt.br/ingresso/images/upload/publicacoes/ANAIS_SEMIEDU_2019.pdf>

INTRODUÇÃO

O conceito de "imaginário" (CASTORIADIS,1993; BENEDICT,1983) é uma categoria chave na interpretação da comunicação na sociedade moderna, a partir da produção de crenças e imagens coletivas. Nesse sentido, vale a pena também perguntar-se, quais são os imaginários sociais que criam uma nova cultura: a cibercultura.

Dito termo, assumido como um subconjunto da cultura, é um meio para difundir a cultura de maneira massiva pelo uso de Novas Tecnologias (NT) e Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), as quais permitem "jogar" no ciberespaço diferentes conteúdos *hipermedia*, mas, também implica "analisar em pormenor o impacto dos mercados globais sobre a criatividade, o desenvolvimento das indústrias culturais, a função do patrimônio cultural, os direitos de autor sobre a sua obra e o direito das comunidades para expressar e viver a cultura" (BLANCO, 2000: 58, tradução nossa).

> *Esta nova cultura não é produto único do avanço tecnológico é o fenômeno da globalização – de suas dimensões culturais e artísticas, sociais e políticas –. A cibercultura se apoia numa série de comportamentos, esquemas mentais e identificações sociais (...) que produzem novas atitudes e formas de interagir, portanto, consequências sociais e culturais* (QUÉAU, 2001: 244).

Desse modo, enxergar os imaginários sociais construídos na cibercultura, permite aprofundar o estudo sobre o povo indígena Misak[2], para além do território geográfico, tendo em conta que a Colômbia é um país ancestral e 30% do território é habitado por comunidades indígenas, sendo que dos 607 povos indígenas da América Latina, 103 vivem no país.

Pensando a respeito da construção de representações, o artigo analisa qual é o imaginário social construído sobre o povo Misak a partir dos diversos conteúdos *hipermedia* no ciberespaço e como se ajeita esse "jogo de interesses culturais" entre os sujeitos envolvidos, desvelando uma construção de sentidos, de espaços de encontro e desencontro, levando a questionar, diante os conteúdos digitais na rede, é realmente como se identificam culturalmente os

[2] Este povo indígena tem seu território geográfico localizado ao sul da Colômbia, no município de Cauca.

povos indígenas, ou, são representações feitas por outros? O que se está gestando naquela nova cultura, a cibercultura, nesse compartilhar de sentidos e novas formas de significação? Portanto, cabe uma possibilidade para enxergar a polifonia de vozes no ambiente digital e a estonteante-complexa diversidade cultural, enquanto reconhecermos como um de nossos dilemas reconhecer o[s] Outro[s]. Para além, o povo Misak é lido na construção de sua própria história, luta, resistência e legitimação do ser indígena ao longo do tempo e em uma prolongação de sua memória, já existente no espaço físico, mas é prolongada no espaço virtual.

METODOLOGIA

Assumir a tentativa de analisar qual é o imaginário social sobre o povo Misak no ciberespaço, permite aproximar-se na compreensão das configurações que se criam, percebem, e acreditam que fazem parte das representações de ser e de estar no mundo. Desse modo, a partir de uma abordagem qualitativa e metodologia netnográfica[3], precisou-se encontrar no ciberespaço os conteúdos *hipermedia* sobre o povo Misak também conhecido como o 'povo da água', e depois, classificar, sistematizar, interpretar, triangular as informações e analisar à luz da semiótica da cultura.

A este respeito, a semiótica da cultura, permite entender as representações da cultura Misak dentro do contexto histórico e social, já que bosqueja uma série de signos presente nas ações, as interações e no jeito de comunicarmos, segundo Lotman (1996) esses signos são as linguagens que criam vida, ou seja, novos significados. Isto posto na cibercultura pode também gerar novas linguagens, novos sinais, novas traduções e novas compreensões sobre o imaginário social sobre o povo Misak.

Nesse sentido, para dialogar entre a técnica, a prática e a interpretação dos conteúdos hipermedia, no primeiro momento como netnógrafas, foi necessário ir em busca das informações que circulam sobre os Misak no

[3] Etnografia na *internet.* O conceito está fundamentado na prática de observação, descrição e análise das dinâmicas interativas e comunicativas, portanto, é um modo de indagação e de compreensão das interações dentro da cibercultura (FRAGOSO *et al*., 2011: 173).

ciberespaço, a partir da mineração de dados [Datamining][4], e identificar os hipertextos [*Links*] que redirecionaram informação à comunidade dita no mundo digital. Assim foi obtido: 2,420 PDF, 794 imagens, 1740 vídeos, 288 notícias, 5 Blogs, 6 Projetos comunitários TICs com os indígenas Misak, 2 contas pelo Facebook, 2 tags de metadados (# ou *Hashtag*) pelo Instagram. Isto permitiu verificar que evidentemente, os conteúdos *hipermedia* existem no universo virtual, não somente como instrumento de comunicação, mas também de interação, de produção social, e modos de estabelecer relações com o mundo, já que essas novas linguagens estão carregadas de história, de ideias que se transformam em narrações e representações/imaginários sociais sobre o "povo da água".

Por fim, no segundo momento, precisou-se construir a fase chamada de sistematização e categorização de informações achadas no ciberespaço, tabulando cada conteúdo *hipermedia* e fazendo uma 'autopsia de textos' (PISSO CONCHA, 2019), indo além de fatos históricos, sociais, políticos, culturais e a sua luta indígena ao longo do tempo. Portanto, desvelar o imaginário social do povo Misak na cibercultura, reforça a ideia de multiplicidade e de discursos assumidos, a partir de onde se fala. Isto é um campo simbólico, que ultrapassa do território para o virtual ou vice-versa, podendo inclusive acontecer ao mesmo tempo.

A discussão e os resultados obtidos da pesquisa, a seguir.

O POVO MISAK DESCIFRADO E CONSTRUIDO NO CIBERESPAÇO

Assim como a diversidade cultural vai promover a pluralidade (em sua tentativa de sê-lo), no ciberespaço, a diversidade de hipertextos como os conteúdos *hipermedia* dão conta dos imaginários sociais que cruzam o povo indígena Misak, pois existe uma "rede de elementos simbólicos interconectados interativamente" (BOLTER,2011: 114) ou seja, ainda que estejam espalhados pelo mundo virtual sem ordem sequencial estabelecida, no exercício

[4] A mineração de dados baseada em técnicas de estadística e aprendizagem informático, é usada para extrair um grande volume de informações úteis naquela fonte de dados armazenados no ciberespaço, em nosso caso particular, a partir de buscadores como Google, concedeu uma "pesca de dados" e redirecionamento de busca de preferencias avançada sobre o povo Misak.

netnográfico constroem um sentido de unidade e desvela tópicos com uma estrutura coerente que reflete em ligar à existência em que vivenciamos o mundo e que é considerada como o que deve ser apresentado para o Outro[s].

Em concordância, o 'povo da água' colocado no mundo virtual, a partir dos imaginários sociais, é construído, [re]-produzido e [re]-pensado desde quatro espirais [símbolo de vida Misak]: as artes, os símbolos identitários, as tecnologias no território e o ativismo político, tanto no espaço físico quanto no espaço digital: a cibercultura.

Pelo exposto, o imaginário social Misak no ciberespaço conforme **as artes**, permite enxergar um povo indígena que conquista espaços artísticos que convidem a refletir sobre as suas raízes míticas e milenares, portanto, vem ganhando terreno nas artes visuais e na arte têxtil, mexendo com elementos simbólicos de sua cultura. A sua vez, ditas iniciativas são [re] -produzidas por mídias digitais e impressas com ênfase na cultura; além das postagens nas diferentes redes sociais e os documentaristas que decidem aprofundar nas artes Misak. A figura 1, apresenta uma construção artística-cultural sobre a comunidade indígena dentro da sociedade colombiana.

Figura 1: Exposição os filhos da água e o Arco-íris.



Fonte: 'Pazifíco Notícias' Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=fF3yxGLhpzw]. Acesso 20/06/2018.

> *Exposição Misak "Filhos da água e do arco-íris" se apresentou no Centro Cultural de Cali, com o objetivo que os vallecaucanos conheceram mais um pouco sobre as comunidades indígenas.* ***A exibição permitiu observar a variedade de cores em suas vestimentas, como também fotografias de suas paisagens, danças, o***

> ***espaço do fogão.*** *A exposição se apresentou durante 5 dias, no marco do evento Inti Raymi (Festa do sol) com foco no pre-colombino* (Narrativa 'Pazifíco Notícias', grifo nosso, tradução nossa).

Em concordância com a narrativa que acompanha a figura 1, o imaginário social construído no ciberespaço permite verificar que o Misak tem a capacidade de ocupar vários espaços ao mesmo tempo, note-se que dita exposição aconteceu no espaço físico mais se prolongou na *web,* isto porque através de um corpo que se multiplica e se fragmenta, de acordo com as tecnologias que se usam para divulgar o conteúdo *hipermedia*.

Assim, a partir de ser levado em consideração seu território, as cores em suas vestimentas, danças e ritos, cristalizados em fotografias que viraram em exposição, se fez destaque em alguns elementos de sua cosmovisão no marco do evento Inti Raymi, pretendendo que o cidadão conheça mais um pouco sobre nossa diversidade cultural; portanto são produções que buscam tornar visível que por meio da arte, os indígenas também fazem parte da sociedade e podem expressar seus sentimentos, ideias e formas de ser e estar presentes no território físico-virtual, como disse Machado Pais et al., (2008) tanto a forma peculiar de expressão do imaginário social e da consciência social, quanto os recursos para compreendê-los, enriquecem os meios de observação e registro das realidades sociais.

Em consequência, naquele interesse cultural, a primeira construção social feita sobre o povo Misak desde as artes, matiza novas formas de expressão visual da realidade, uma mistura entre a técnica e o olhar sensível no cotidiano, valorizando a diversidade cultural existente na Colômbia, além de ajudar a promover o respeito pelo Outro.

Com relação aos **símbolos identitários** (segunda espiral) acolhem conteúdos *hipermedia* relacionados as tradições e costumes do povo indígena, dentre os quais, os ritos, o anaco [vestimenta tradicional] e as parteiras, constroem um imaginário social Misak rico em uma semiótica das cores que fazem destaque em elementos da natureza e a relação contexto-cultura. A figura 2, representa símbolos identitários da comunidade, por exemplo, o fogo que aparece no ventre da mulher na figura, é introduzido no *Nakchak* [fogão] para

dialogar e ensinar a sua cosmovisão aos mais novos. Para além, dita tradição também é levada aos espaços da Misak Universidade fornecendo a educação própria na tentativa de legitimar seus saberes.

Figura 2: Do signo no cotidiano Misak.



Fonte: Google Imagens Misak, 2018.

Torna-se perceptível que, quanto mais se mergulha na busca por significados de elementos como: a água, o fogo, o sol, a lua, as lagoas, o milho, etc., a relação entre o objeto-contexto e cultura estabelece diálogos profícuos com os espaços da natureza, de tal forma que, o arco-íris representa a vestimenta tradicional da comunidade; as montanhas e as lagoas a origem do povo e o *Tampal Kuari* (chapeú) reflete sobre o ciclo da vida, pois é tecido em espiral. Sob perspectiva de Andacht (1987), existe uma semiótica social que garante a autenticidade dessa experiência comunicacional no simples, no cotidiano. Portanto, o símbolo vai ser também reproduzido no ciberespaço, acrescentando suas significações e ajudando a decifrar o código para quem os observa.

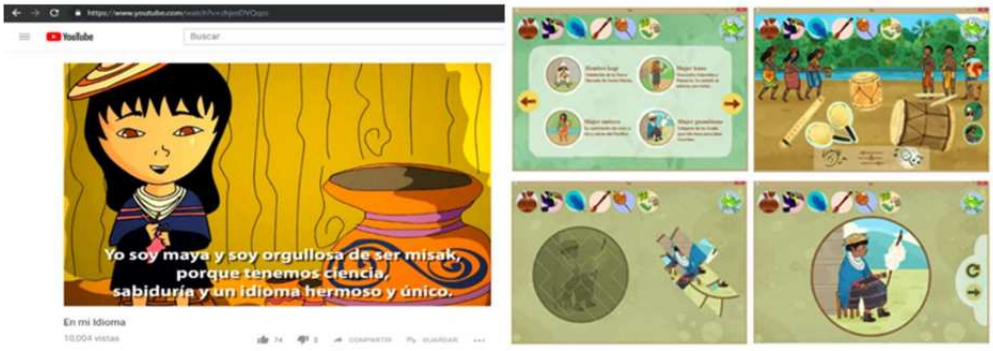
Desse modo, o jogo de interesses culturais na segunda espiral, partem de elementos místicos e sagrados da comunidade que para ser jogados no ciberespaço precisam a anuência do governador - o Taita-, caso dos documentários e fotografias produzidas desde o território físico. Isto é, que o imaginário social construído garante que a imagem do 'povo da água' não acabe sendo uma produção exótica e que os lugares sagrados sejam sempre respeitados.

De outro lado, **as tecnologias no território** (terceira espiral), permitem construir uma representação social no qual vê-se que o povo indígena aproveita diferentes formas de comunicar, brotando processos de abertura em relação com uso de TIC, *internet*, redes sociais, *blogs*, mapas digitais, animação, aplicativos e formação de parcerias comunicativas-tecnológicas. Assim, a *internet* abre espaço para compartilhar informações, expor pensamentos, sentimentos, do querer ser parte de algo no meio de um infinito de possibilidades oferecidas pela rede, um ambiente livre e aberto para a comunicação.

> *A internet é um espaço de comunicação propriamente surrealista, do qual nada é "excluído", nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam* (LEMOS, 2013: 12).

Em correlação com o que pontuou Lemos, na construção do imaginário social Misak existem conteúdos *hipermedia* que entrelaçam espaços de comunicação no visual e espaços de comunicação no videogame (ver figura 3), permitindo experiências interativas que, a partir de espaços virtuais abertos pelas TIC e NT, e, usando como veículo a *internet*, misturam som, cores, vozes e desenhos, próprios da técnica do software, com objetivos e intenções comunicacionais, que ultrapassam a materialidade do dispositivo (telefone, tablete, computador).

Figura 3: espaços de comunicação



Fonte: *Print Screen* animação 3D e aplicativo "Saberes Ancestrais Indígenas" (SAI), Arquivo descarregado de Google Play e instalado em computador, 2018.

Neste cenário, a figura 3 desvela a importância de olhar para a comunicação, como produtora de sentido, que a partir de dinâmicas interativas

também permite fornecer a sua cultura e *pervivencia* [resistir ao longo do tempo], sem transgredir sua cosmovisão. Note-se que embora internamente a comunidade possa enfrentar o debate sobre os benefícios ou não das tecnologias, existem produções Misak com conteúdos *hipermedia* a ser valorizados, tais como, a rádio *Namuy Wam* em sua luta para criar sua própria rádio comunitária*;* o grupo *Namtrik-Namuy Wam* que pelo Facebook, ensina a sua língua [*Namtrik*] a próprios e estrangeiros; o uso de *blogs* para divulgar informações sobre o território físico ou um design 3D para entender a importância das tradições e costumes da comunidade indígena.

Nesse direcionamento, o jogo de interesses culturais visa em saber o que comunicar, enfatizando a finalidade do produto, além de apresentar um Misak inclusivo na hora de fortalecer sua cultura-cosmovisão, a partir de produções próprias ou em parceria. Eis o "povo da água' que brota nas redes de conhecimento, possibilitando que consultem uma memória comum além de uma [hiper]-memória[5].

Vale a pena ressaltar que, a terceira espiral alerta para as práticas decoloniais[6] de saber e poder, que atendam às iniciativas da comunidade Misak, utilizando a TN como veículo.

Finalmente, mas não menos importante, na construção do imaginário social Misak, se encontra o **ativismo político** que desvela como o povo indígena garante o seu território e sua memória, a partir da luta por seu território, já que nesse espaço, constroem sua vida, sua cultura, sua identidade; o território é sagrado. Complementarmente, o ciberespaço armazena e potencializa a memória já existente, sobre as suas ações para a recuperação da terra, como os processos de resistência no decorrer do tempo.

Tal passagem se depara com diferentes olhares, já que não é só questão de midialidades, mas as finalidades para ganhar um espaço, já que, se por um lado, a luta indígena na Colômbia começa com a chegada dos espanhóis (colonizadores ao território), por outro, ela ainda não cessou, pois até hoje, os

[5] O conceito é escrito assim porque reflete tanto território físico quanto território digital, que chamamos de aldeia virtual Misak.

[6] Para melhor compreensão das práticas decoloniais Misak, leia o seguinte artigo no qual este tópico foi desenvolvido em detalhes: PISSO CONCHA, J.P e WENDPAP NUNES DE SIQUEIRA, A. Práticas decoloniais do indígena Misak no ciberespaço. **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 9, n. 1, p. 209-223, apr. 2020.

Misak seguem protegendo e reclamando o seu direito à terra, símbolo de sua existência.

Nessa linha de ideias, na quarta espiral o ´povo da água´ é construído principalmente pelos meios de comunicação, ou seja, um assunto de ´fachadas' como aponta Goffman (2012), já que eles passam a ser [re]-definidos pela leitura de uma situação determinada. Portanto, as figuras e suas respectivas narrativas demonstram que o imaginário social Misak construído pelas mídias e o caráter de circulação da informação, cria ao menos duas fachadas (ver figura 4 e 5).

Figura 4: Fachada Misak pacífica



Fonte: *Print Screen* do jornal 'El Tiempo', disponível em: [https://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/reunion-de-indigenas-con-el-presidente-santos-28043] Aceso 13/06/2018.

> *Havia 1.500 membros da comunidade Misak, que* ***se manifestaram a favor da paz****. "Através desta mobilização pacífica, queremos dizer que todos nós temos o direito à paz, e mais ainda porque somos os territórios mais afetados. Entre todos queríamos dizer "Sim à paz" no dia 2 de outubro, mas como isso não aconteceu, nós tivemos que reagir e fazer a mobilização", disse Cruz Tunubalá, Secretário Geral do território ancestral Misak" (...) "É contraditório, nós fornecemos as cidades com comida, água e oxigênio, e eles (cidadãos) respondem com um 'não' no plebiscito", falou Jeremias, membro da comunidade Misak (...) Joaquín Morales,* ***outro representante Misak, deu ao presidente um documento em prol da paz.*** *Vários líderes indígenas insistiram que o documento deveria ser concluído em breve. Hoje,* ***os Misak terão um espaço no Senado para apresentar suas ideias, e logo voltarão para Silvia a cultivar*** (Narrativa do trecho Meio de Comunicação: El Tiempo, grifo nosso, tradução nossa, 2018).

Figura 5: Fachada ‘Misak selvagem’



Fonte: *Print Screen* do jornal ‘El Universal’, disponível em: [http://www.eluniversal.com.co/colombia/bloqueo-en-la-popayan-cali-por-movilizacion-indigena-en-el-cauca-270765 Aceso 07/06/2018.

> *A Polícia confirmou que há abusos na Panamericana (estrada), depois que alguns* ***nativos derrubaram um caminhão e incineraram um veículo para transporte público de passageiros****. Essa situação ocorreu porque a comissão do governo não chegou como foi exigida pelas autoridades nativas, que mostraram sua preocupação com o corte orçamentário no Programa de Alimentação Escolar, PAE, no país (...)* (Narrativa do trecho Meio de Comunicação: El Universal, grifo nosso, tradução nossa, 2018).

Em correlação, a figura 4, representa o Misak tranquilo e pacífico, enquanto a figura 5, constrói o indígena “selvagem”, rebaixado pelo discurso promovido pelo evento noticioso, em que ele é citado reiteradamente como “nativo”. Isto porque a palavra é o signo ideológico por excelência, “por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia, retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam” (BAKHTIN, 1997: 33).

Nesse sentido, o ativismo político Misak, é um traço característico do povo indígena, já que se nutre de imaginários, de processos de resistência, de uma [hiper]-memória histórica, e no mundo digital esse ciberativismo Misak, reforça sua cosmovisão e a sua finalidade de *pervivir*. Portanto, aquilo que acontece no cotidiano do território, também é possível de ser vivenciado, em

fragmentos, pela *internet*, ou ambos ocorrendo ao mesmo tempo: espaços híbridos[7].

Pelo exposto, o imaginário social sobre o povo indígena Misak no ciberespaço, como extensão de seu território e saberes, não fica só no espaço físico, já que desde os diversos conteúdos *hipermedia* (texto, vídeo, áudio, blogs, etc.), originam-se de produções independentes, outras pelos próprios indígenas, e grande parte surge das instituições educativas[8] e da mídia[9]. Certamente, isso nos permite observar que ditos conteúdos são um reflexo de várias posições subjetivas como "múltiplos fragmentos que se suturam às realidades sociais e culturais por diversos meios institucionais e culturais" (SANTAELLA, 2007: 60), desvelando uma construção de sentidos, de espaços de encontro e desencontro, já que existem momentos de identificação caso das três primeiras espirais, enquanto a quarta espiral parece ser a categoria que mais confrontos políticos e sociais gera, pois o 'povo da água' não se representa naquela construção de fachadas que transgredem seu ser indígena.

Desse modo, naquela nova cultura, a cibercultura, se vem mudando o jeito de enxergar o indígena Misak como indivíduo passivo e invisível, para enxergá-lo o sujeito com voz, rosto, e ainda como parte da sociedade, que se constrói e cria espaços de diálogo cultural. Isto é, uma aproximação das aldeias indígenas virtuais no ciberespaço em uma prolongação de seu território e saberes, já que nesse compartilhar de sentidos e novas formas de significação, se fornece a sua herança cultural, além de valorizar as suas lutas, cosmovisão e a razão de ser indígena, levando em consideração que no ventre da cibercultura, conquistam espaços que séculos atrás eram difíceis de imaginar.

[7] Segundo Souza (2004), são definidos como "lugares" de comunicação e sociabilidade que não opõem o real e o virtual, mas incluem o virtual dentro do espaço físico.

[8] Nesse caso as construções mais representativas da comunidade Misak desde as instituições educativas se concentram em conteúdos *hipermedia* produzidos em cidades como Popayán, Valle del Cauca, Pereira, Manizales, Bogotá e uma da Alemanha, com o objetivo de promover a diversidade cultural na Colômbia.

[9] Em relação com a mídia, depende do caráter da representação social, jornais como 'El Tiempo', 'W Radio', 'El País Cali', optam por registrar o Misak em suas ações políticas, enquanto meios de comunicação como 'El Espectador' , 'La Silla Vacía', 'Señal Colombia' preferem dar vida ao Misak artístico e cultural, perspectiva também assumida por meios de comunicação internacionais como 'Diario de Querétaro' (México), 'Panorama' (Venezuela) e 'El País' (Espanha) que optaram por mergulhar no Misak e sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ir em busca do imaginário social do povo Misak no ciberespaço como extensão de seu território e saberes, a partir do exercício netnográfico, permitiu compreender-lhes na lógica do território físico/digital, como na forma em que as comunidades indígenas, hoje, são representadas ou se representam na cibercultura ao comunicar e tecer uma rede de conhecimento no emaranhado virtual. Assim, a comunidade é construída como uma organização politicamente ativa no decorrer dos anos, já que seus ideais, a língua e educação própria são uma tríade crítica e organizacional para manter seu discurso de *pervivencia*.

Nessa perspectiva, as quatro espirais expostas sobre o ´povo da água´ no ciberespaço, tornam visíveis as epistemologias milenares e permitimos observar como se gestam processos sociais, educacionais, culturais e políticos, que levam a conviver com outros saberes, sem cair no exclusivismo de saberes. Certamente, se dá conta do Misak artístico, político, musical, contestatório, crítico, comunitário, em uma relação íntima com o tecido e suas raízes, as quais dialogam com as NT em processos de abertura; aliás de estabelecer parcerias com organizações públicas e privadas, interessadas em fortalecer o patrimônio cultural e ancestral do 'povo da água', tais como, o Ministério das Tecnologias de Informação e Comunicações da Colômbia (MinTic), Colnodo, Unesco e a Rede de Cooperação Internacional da Colômbia (APC).

Complementarmente, a [hiper]-memória do povo indígena constrói os personagens mais relevantes da cultura Misak, como: María Jacinta Cuchillo Tunubalá, artesã, historiadora que contribui com a rede de tecelãs em sua comunidade e em cinco municípios de Cauca. Mama Agustina, Mama Dominga e Mama Antonia Yalambra, parteiras que promovem o direito de cada mulher de escolher como fazer seu parto. Taita Lorenzo Muelas, que através da ‘Lei Misak’ conseguiu uma legislação autônoma para a comunidade e escreveu um dos livros mais destacados sobre a luta indígena na Colômbia: “La Fuerza del Pueblo”. Taita Floro Tunubalá que foi eleito Governador de Cauca (2001-2003), virando o primeiro governador indígena no país. Mama Ascención Velasco, primeira Governadora do Resguardo de Guambía (2013) e quatro anos depois, foi comandado por Mama Liliana Pechené, reconhecida no mundo quando acompanhou ao presidente Juan Manuel Santos (2016) para receber o Prêmio

Nobel da Paz. Mama Bárbara Muelas, conhecida por sua luta pelo fortalecimento do *NamTrik* e o Taita Gerardo Tunubalá, pelo seu desenvolvimento na coordenação da Misak Universidade, os dois últimos personagens lisonjeados nacionalmente.

Pelo exposto, depararmos para um imaginário social no ciberespaço construído desde 2010 que adverte a sua presença como 'aldeia virtual Misak', e foi desvelado sob exercício netnográfico. Ainda vale a pena apontar que os diversos conteúdos *hipermedia* respondem a critérios de produção (subjetividades) e intenção comunicativa. Portanto, segundo o 'jogo de interesses culturais', as duas primeiras espirais legitimam o ser indígena na sociedade e as duas últimas, focam no conhecimento indígena não como um espaço de produção econômica, mas um espaço de reprodução cultural. Deste modo, se compartilham identidades, fazeres e narrativas que produzem uma "inteligência coletiva" (MUSSO, 2006), em quadros sociais carregados de valores e necessidades sociais.

Em correlação, o território físico-virtual e os saberes Misak ainda que, podem ser construídos diante imaginários sociais cada vez mais complexos pela mesma polissemia de significados (quem olha, quem diz, ou, não olha, nem diz) cristalizados nos diversos conteúdos *hipermedia*, são primordiais para compreender como vive o habitante da sociedade contemporânea. Observe-se que o habitante, também é o indígena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDACHT, F. **El Paisaje de los signos: Semiótica y sociedad uruguaya contemporánea**. Montevídeo: Montesexto, 1987.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo, SP: Ed. Hucitec, 1997, 8ed.

BENEDICT, A. **Imagened Communities.** London: Verso, 1983.

BOLTER, J. **Writing space: computers, hypertext and the remediation of the print**. New York: Routledge, 2011.

BLANCO, F. **Cultura y globalización. Volumen de Dos siglos, dos milenios: Excelencia y futuro**. México: UCOL, 2000.

CASTORIADIS, C**. La institución imaginaria de la Sociedad.** Buenos Aires: Tusquets Editores, Vol. 2, 1993.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOFFMAN, E. **Ritual de Interação**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulinas, 2013, 3ed.

LOTMAN, Y. **Cultura y explosión**, España: Gedisa, 1996.

MUSSO, P. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In: DENIS DE MORAES (org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 191-223,

PISSO CONCHA, J.P. O que foi deixado no ciberespaço: Confissões de uma netnógrafa. **Revista Falange Miúda (ReFaMi),** Cuiabá, MT, v. 4, n. 2, p. 152-162, dez, 2019.

QUÉAU, P. Cibercultura e info-ética. In: MORIN (Org.), **Religação dos Saberes**. Rio: Bertrand Brasil, 2001.

SANTAELLA, L. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

MACHADO PAIS, J., DE GUSMÃO MENDES, N. e CARVALHO, C. **O visual e o quotidiano**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

SOUZA, A. **Interfaces móveis de comunicação e subjetividade contemporânea**: **de ambientes de multiusuários como espaços (virtuais) a espaços (híbridos) como ambientes de multiusuários**, 2004. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp023362.pdf > Acesso Jul.22.2018

SOBRE OS AUTORES:

Jennifer Paola Pisso Concha. Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO), da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), formada em Comunicação Social pela Universidade de Cauca, Colômbia. E-mail: www.moryta@gmail.com [Obs: o e-mail precisa das 3w para ficar certo].

Aline Wendpap Nunes de Siqueira. Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO), da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. E-mail: alinewendpap@gmail.com